



VIOÊNCIA CONTRA AS MULHERES: A CONSTRUÇÃO SOCIAL E CULTURAL DO GÊNERO E SUA REPRODUÇÃO NA ESCOLA

MIRANDA, Ariane Camila Tagliacolo¹

MAIO, Eliane Rose²

Unicesumar- Maringá-PR

Resumo:

O artigo discute sobre as relações de gênero, centrado no objetivo de investigar a existência da violência contra as mulheres e seus reflexos nos espaços sociais. Investigamos as percepções que residem entre professores/as sobre as relações de gênero, em especial, das mulheres e como são dissipados e formados esses conceitos nos muros escolares, bem como, conhecer o cenário da violência de gênero contra as mulheres que chegam à Delegacia da Mulher de Maringá – PR. Aplicamos como instrumento da pesquisa de campo perguntas estruturadas e específicas aos/às professores/as dos 5º anos, de duas escolas públicas do ensino fundamental e à delegada da Delegacia da Mulher, ambas de Maringá-PR, totalizando 13 pessoas. Com as análises dos dados coletados, foi possível constatar que ainda há nos discursos resquícios de uma educação de normas sexistas, modelação dos corpos e naturalização dos comportamentos sociais, os quais reproduzem e incentivam implicitamente a violência entre os gêneros.

Palavras-chave: Relações de Gênero; Violência de Gênero contra as Mulheres; Escola; Delegacia.

¹ Pedagoga, Psicopedagoga e Mestre em Educação, ambos pela Universidade Estadual de Maringá. Professora mediadora da Unicesumar – Maringá - PR e professora da educação básica. E-mail: ariane_bgi@hotmail.com

² Psicóloga, Professora Pós - doutora da Universidade Estadual de Maringá - PR, do Departamento de Teoria e Prática da Educação e do Programa de Pós – Graduação em Educação da mesma Universidade. E-mail: elianerosemaio@yahoo.com.br

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



1. INTRODUÇÃO

Pretendemos com esse artigo refletir sobre a temática voltada às relações de gênero, em foco, a violência de gênero contra as mulheres, num olhar para a construção social e cultural do masculino e feminino e sua reprodução na educação, tendo como as fontes de análise representadas nas entrevistas dos/as agentes sociais e escolares. A finalidade consiste em produzir análises sobre a reprodução do olhar sexista desigual entre os gêneros (masculino sobre o feminino) no campo educativo.

Este artigo consiste num recorte do resultado de dissertação de Mestrado realizado na Universidade Estadual de Maringá - PR (MIRANDA, 2013). A fim de atingir o objetivo proposto que consiste em investigar as percepções dos/as professores/as sobre as relações de gênero no espaço educativo e o cenário da violência de gênero contra as mulheres no espaço social, que chegam à Delegacia da Mulher, apontamos aqui alguns resultados dos estudos dessa problemática e a pesquisa de campo realizada.

O motivo do recorte ser voltado à violência contra as mulheres deve-se à separação sexista que promoveu historicamente – e ainda promove – a desigualdade, a opressão, o abuso e a inferioridade simbólica apontada as mulheres. Não há como negar a opressão voltada às mulheres e o poder dos homens, de forma simbólica e até mesmo física, a ideia de separação já sugere a violência entre ambos, pois o masculino – sobre as penitências de ser desse sexo – possui suas obrigações de virilidade, força e autoridade, e o feminino passa a seguir as normas discursivas impostas neste contexto, como se comportar, ser e atuar na sociedade.

A premissa que temos consiste no fato de que os/as professores/as do campo educacional, produzem, reproduzem e incentivam os paradigmas sociais de normatização e divisão dos corpos e comportamentos nas relações pedagógicas de formação dos sujeitos e, geralmente estigmatizam e desqualificam os “lócus de particularidades e parcialidades de manifestações culturais de grupos específicos”

Realização:



Apoio:



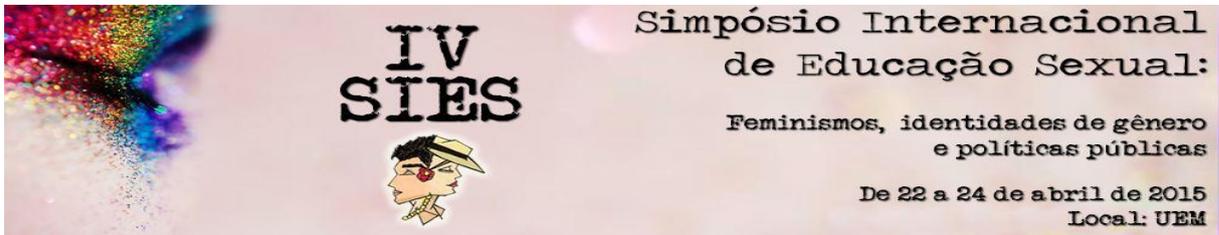
DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



(MAIO, 2011, p.181-182), dentro de uma lógica construída e naturalizada da categoria social dos gêneros.

O que encontramos nas respostas analisadas, que ainda há resquícios de uma educação de norma sexista, que reproduz e incentiva implicitamente a violência entre os gêneros, especialmente contra as mulheres.

2. Gênero: sua conceituação

Faz-se importante apresentarmos inicialmente a conceituação de gênero pensada por alguns/mas teóricos/as.

Iniciamos com as reflexões teóricas do filósofo Foucault, o qual fundamenta nossos estudos. Este afirma que

[...] há as “sociedades de discurso” cuja função é conservar ou produzir discursos, mas para fazê-los circular em um espaço fechado, distribuí-los somente segundo regras estritas, sem que seus detentores sejam despossuídos por essa distribuição (FOUCAULT, 1996, p. 39).

Para ele, “os gestos, os comportamentos, as circunstâncias, e todo o conjunto de signos que devem acompanhar o discurso, fixa, enfim, a eficácia suposta ou imposta das palavras, seu efeito sobre aqueles aos quais se dirigem” (FOUCAULT, 1996, p. 39).

Para Foucault (1988), o discurso é organizado a partir de uma ordem do que pode ser dito e do que deve ser dito com ressalvas e até mesmo o que precisa ser interdito.

Nessa conjectura, podemos afirmar que as relações de gênero são relações de poder em que o princípio masculino é tomado como parâmetro universal. Vinculada a essa relação de poder, os estudos e movimentos feministas enfocaram suas lutas contra o olhar sexista da sociedade patriarcal e da visão androcêntrica³ –

³ Os termos “androcentricidade” (subst.) e “androcêntrico” (adj.) (*andros*, homem; lat. *centrum*, centrado) ou “centralizado no homem” foram introduzidos por feministas para descrever a ideologia e a atitude baseadas numa perspectiva masculina que ignora os interesses e as perspectivas femininas (BONNICI, 2007, p.19). O androcentrismo mantém forte relação com a misoginia – que denota

Realização:

Apoio:

Patrocínio:





que tem o gênero masculino e a masculinidade como hegemônicos, excluindo as mulheres de posições de privilégio e poder.

Scott (1989, p.7) entende gênero como uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado, conceituando que

o gênero é igualmente utilizado para designar as relações sociais entre os sexos. O seu uso rejeita explicitamente as justificativas biológicas, como aquelas que encontram um denominador comum para várias formas de subordinação no fato de que as mulheres têm filhos e que os homens têm uma força muscular superior. O gênero se torna, aliás, uma maneira de indicar as “construções sociais” – a criação inteiramente social das idéias sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres (SCOTT, 1989, p.7).

A respeito da ideia de gênero, Meyer (2008, p.16) assinala que

[...] ao longo da vida, através das mais diversas instituições e práticas sociais, nos construímos como homens e mulheres, num processo que não é linear, progressivo ou harmônico e que também nunca está finalizado ou completo (MEYER, 2008, p.16).

Desse modo, não são as características sexuais que determinam o desempenho de papéis distintos das mulheres e dos homens, mas as formas como essas características são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou pensa é que vai construir o que é feminino ou masculino, em uma determinada sociedade e em um dado momento histórico. Para compreender os lugares e as relações de homens e mulheres na sociedade, é necessário observar não exatamente seus

desprezo, aversão, ódio à mulher ou ao feminino, isto é, a qualidades ou atributos de feminilidade convencionais (BONNICI, p.33). Há outros termos que se relacionam com assunto, a saber: o machismo – superioridade às mulheres – (BONNICI, p.31); o sexismo – discriminação ou tratamento indigno a um determinado sexo – na história recente, o feminino – (BONNICI, p.40); o heterossexismo – sistema ideológico que assume a heterossexualidade como (BONNICI, p.40); o heterossexismo – sistema ideológico que assume a heterossexualidade como padrão (BONNICI, p.21); a homofobia – define o medo, o desprezo, a desconfiança, o ódio, a hostilidade e a aversão em relação à homossexualidade e às pessoas homossexuais, está na base de preconceitos, discriminações e violência contra lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais e todas as pessoas cujas sexualidades ou expressão de gênero não se dão em conformidade com a heteronormatividade – (BONNICI, p.24); e a heteronormatividade – conjunto de valores, normas, dispositivos e mecanismos definidores da heterossexualidade como a única forma legítima e natural da expressão identitária e sexual (CARVALHO; ANDRADE; JUNQUEIRA, 2009, p.7).

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



sexos, mas o que foi construído socialmente sobre eles, “é no âmbito das relações sociais que se constroem os gêneros” (LOURO, 1997, p.22).

2.1. Feminismo: alguns apontamentos

A dicotomia entre mulheres e homens foi, em grande medida, motivo de lutas contra a organização binarista da sociedade. Basta refletir sobre os lugares que as mulheres ocuparam desde a época das cavernas, a elas estava condicionada a função de cuidar do lar e da criação dos filhos, como observa o autor Michel Justamand (2012, p.121), em suas pesquisas de vestígios rupestres em uma região piauiense no Brasil. Ele relata que nas relações de gênero “aparecem as cenas de parto, as de sexo, cerimoniais e as de amamentação”, todas relacionadas ao feminino, visto que as cenas relacionadas a caças e rituais eram representativas do masculino.

Além disso, um aspecto importante levantado por esse pesquisador é que “as ‘mulheres’, ou o feminino, são representadas, segundo os arqueólogos, por uma marcação circular embaixo das pernas e também, algumas vezes, por estarem com os braços para trás” (JUSTAMAND, 2012, p.123). Essa observação nos faz refletir sobre a questão da inferioridade feminina nas relações com o masculino, já expressas nesse período e que se estenderam no cotidiano da humanidade.

Esse olhar para as mulheres foi se disseminando e se reproduzindo nas várias relações sociais que se seguiram. Destacamos os séculos XVIII e XIX, período da Revolução Francesa (1789), da entrada da burguesia e da industrialização, que as mulheres assumiram características como: ser o símbolo do espaço privado; ser associada ao coração, ao íntimo; ter a função de ter filhos; relacionar-se com a esfera do sentimento e do amor em detrimento da razão; não se relacionar com estudos científicos e atuação política – características estas assumidas pelo gênero masculino (MÜLLER, 2007).

Apoiamos Beauvoir (1967, p.9), nos dizeres, “não se nasce mulher; faz-se mulher”, argumento este que distingue sexo de gênero. Ela considera que uma coisa é ser biologicamente mulher e outra é ser moldada pela cultura e se tornar mulher.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



Conforme a autora, a mulher não se define pelos seus hormônios femininos, mas pela maneira como seu corpo se relaciona e se modifica pela ação e pelo poder do outro. Beauvoir (1967) acredita que a biologia feminina não é a raiz do poder feminino, mas a sujeição da mulher à espécie.

Monique Wittig, uma crítica feminista, destaca em suas reflexões as ideias de Beauvoir, buscando entender as mulheres não como seres puramente biológicos, mas como seres históricos e sociais. Pautada no construcionismo-existencialista, essa feminista busca problematizar a condição naturalizada das mulheres, partindo da seguinte premissa hegeliana: “ser é ter-se tornado”, (LESSA, 2007, p.73).

Scott (*apud* LOURO, 1997, p.30-31) acredita que é preciso desconstruir o “caráter permanente da oposição binária” masculino-feminino, desfazer-se dessa lógica dicotômica e polarizada sobre os gêneros, que se relacionam dentro de uma lógica invariável de dominação-submissão.

Saffioti (2004) menciona que no século XX, estudos sobre a mulher foram sendo estimulados por grupos feministas, que utilizavam o conceito de patriarcado. Define o conceito de patriarcado como um pacto masculino para garantir a opressão e controle sobre as mulheres. Este regime de dominação do homem sobre a mulher se justificaria como uma maneira de assegurar para eles mesmos e para seus dependentes no ambiente familiar, os meios necessários à produção diária e à reprodução da vida.

Nesse sentido, fica evidente uma estrutura hierárquica que confere aos homens o direito de dominar as mulheres. Essa relação é acionada, inclusive, pelas mulheres, pois elas estão vinculadas à ideologia do patriarcado, desempenhando funções como disciplinar os filhos, seguindo a lei do pai (SAFFIOTI, 2004).

Carvalho; Andrade; Junqueira (2009), em “Gênero e Diversidade Sexual – um glossário” definem patriarcado como uma autoridade masculina nos domínios públicos e privados que se sustenta por fatores como: heterossexualidade compulsória, violência masculina, socialização de papéis de gênero, modos de organização da vida e do trabalho em que os homens dominam econômica, sexual e

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



culturalmente as mulheres, excluindo-as de posições de poder, autoridade e privilégios.

Nesse sentido, verificamos uma conduta modelada de poder que foi conferida ao homem, a saber, a exigência imposta pelo social para que ele exerça o papel de provedor e responsável por conduzir o casamento, hierarquizando, desse modo, os papéis no casamento e sucumbindo o espaço da mulher nessa relação.

3. Procedimentos Metodológicos: análise das relações de gênero no contexto escolar e na Delegacia da Mulher

A presente pesquisa, relacionada à violência de gênero e resultante das relações de gênero no contexto social e educativo, surgiu a partir de estudos anteriores, voltados a essa temática⁴. Além disso, é válido destacar que este projeto está vinculado à luta pelo Observatório de Violência de Gênero da UEM, que conseguimos concretizar no final de 2012.

Tivemos como campo de pesquisa duas escolas municipais do ensino fundamental, 5º anos, de Maringá-PR e a Delegacia da Mulher da mesma cidade. Desta forma, totalizaram 13(treze) pessoas entrevistadas, sendo 01 (uma) delegada e 12 (doze) professores/as de duas escolas municipais de Maringá-PR (A e B).

Com esta pesquisa de campo, objetivamos examinar as respostas dos/as professores/as para conhecer suas percepções sobre as relações de gênero. Em outras palavras, visualizar como estão sendo tratadas as questões de gênero na escola e se há a produção e o incentivo implícito da violência de gênero, mais especificamente contra as mulheres. Objetivamos, ainda, conhecer os encaminhamentos contra a violência de gênero cometida às mulheres no espaço social, que chegam à Delegacia.

Primeiramente, realizamos a transcrição, na íntegra, das 13 (treze) entrevistas e, em seguida, passamos para a análise das respostas coletadas, por meio de

⁴ Destacamos, projetos e pesquisas individuais sobre Formação de Professores/as para Educadores/as Sexuais, Abuso Infantil, Questões Pedagógicas: Sexualidade e Gênero e outros realizados junto ao Núcleo de Pesquisas e Estudos em Diversidade Sexual (NUDISEX).

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



agrupamentos temáticos, que mantinham alguma relação com as palavras: **1) Conceito de Gênero, 2) Relação aluno/a/ e gênero 3) Prática Pedagógica e gênero e 4) Violência de gênero.**

Diante do exposto, em relação ao professorado, observamos a relevância do gênero feminino. A média de idade é de 40 anos, a maioria é licenciado/a e possui Pós-graduação.

Devemos observar que o percurso histórico da educação foi marcado essencialmente pelas mulheres na docência. Muitos aspectos podem estar relacionados a esse fato: a vinculação da mulher com ideias de doçura, calma, cuidados e delicadeza, a relação da mulher com a maternidade, a ocupação das mulheres em espaços públicos não competitivos aos homens, entre outros.

A mulher é associada à educação desde o final do século XIX e início do XX, pois a ela era atribuído um importante papel na educação, que se pretendia democrática. Desde a criação da escola primária de ensino laico e obrigatório foi possível, nesse período, encontrar vários defensores da tese da vocação natural da mulher para o magistério. Nesse sentido, o discurso que a legitima como professora não é o elemento intelectual, mas seus “instintos” maternos, que são sinônimos de fé, sensibilidade, devotamento e abnegação (SFORNI, 1997).

Analisamos algumas respostas dos/as professores/as com a finalidade de conhecer o que está por trás das palavras relacionadas ao gênero na escola e percebemos que a partir das respostas analisadas, ainda há resquícios de uma educação de norma sexista, que reproduz e incentiva implicitamente a violência entre os gêneros.

No que se refere a **conceituação de Gênero**, muitas respostas sobre o entendimento desse conceito expressam resquícios de repressão sexual e de ideias naturalizadas para os gêneros, pois são tão praticadas, contadas, repetidas, reproduzidas que se tornam naturais em determinado contexto.

Dessa maneira, pautamos nossa análise em conformidade com a afirmação da autora Auad (2006, p.19), a saber: “as visões naturalistas sobre as mulheres,

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





meninas, homens e meninos representam uma trava para a superação dessa situação”.

É possível observar, que o conceito e a discussão de gênero na escola não estão claros ou então esse conhecimento foi superficialmente abordado nas formações de professores/as, para que eles/as pudessem trabalhar com essa temática em seu cotidiano.

Nesse sentido, por não terem esse conhecimento, podemos considerar uma renúncia por parte dos/as professores/as. A falta de formação para a sexualidade no ambiente familiar e também profissional revela, conseqüentemente, a dificuldade em lidar com a temática de gênero, evidenciada nas respostas.

Em **relação aos alunos/as e gênero**, foi possível compreender nas respostas que há a ideia da separação entre meninos e meninas, especialmente na fila, com respostas voltadas a ideia de que promoverão menos problemas relacionados à sexualidade e também haverá maior ordem. É possível observar que ainda se perdura a ideia da oposição entre os gêneros entre os/as professores/as e o resquício da repressão a qualquer manifestação da sexualidade dos sujeitos.

Com relação à ideia de separação sexista entre os/as professores/as para evitar constrangimentos e “desvios”, podemos entender que

[...] as escolas podem ser um exemplo de instituição em que se reitera, constantemente, aquilo que é definido como norma central, já que norteiam seus currículos e suas práticas a partir de um padrão único: haveria apenas um modo adequado, legítimo e normal de masculinidade e de feminilidade e uma única forma sadia e normal de sexualidade, a heterossexualidade; afastar-se desses padrões significa buscar o desvio, sair do centro, tornar-se excêntrico (LOURO, 2002 *apud* MEYER, 2004, p.11).

Na questão que trata especificamente sobre a prática da Educação Física, a professora transfere para os/as alunos/as a responsabilidade de proporcionar o contato e a interação que deveria ser “natural” entre os/as estudantes. Ela afirma

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





que as atividades são aplicadas para todos sem separação. Entretanto, algumas atividades os alunos ainda entendem que devem ser separadas.

Podemos afirmar que os paradigmas que determinam a condição social de ser masculino e feminino são impostos e inculcados nas escolas como normas e padrões, condicionando, assim, os comportamentos sexuais, os tipos de brincadeiras e as práticas sociais. Essa perspectiva de formação de sujeitos nos moldes de separação e divisão sexista se tornou uma prática naturalizada no ambiente escolar, já que as relações socioculturais constroem e caracterizam os gêneros.

Em **relação às práticas pedagógicas**, os encaminhamentos e as questões didáticas relativas ao gênero, destacamos algumas reflexões.

Na aula de Informática, o professor responde que: *Na aula de informática educacional, as atividades são iguais, tanto para o masculino e feminino. Apesar de que se você deixar livre, meninos irão escolher jogos virtuais e meninas, atividades mais na área da sensibilidade.*

Diante dessa fala, tais comportamentos das meninas e dos meninos são mais visíveis devido à condição social que foi imposta aos gêneros, ou seja, modos de ser e de agir para o masculino e o feminino esperados pela sociedade. Acreditamos que essa busca de atividades específicas está relacionada à ideia culturalmente estabelecida do masculino ligado à força, coragem e virilidade e o feminino ligado à emoção, delicadeza, fragilidade, entre outras.

Aqui cabe a intervenção do/a professor/a no que diz respeito à quebra desses paradigmas, pois há muita divergência, existem meninas que se identificam com jogos virtuais e ativos e meninos que gostam também de atividades mais calmas e criativas e, nesse sentido, não está comprometendo nem influenciando a expressão da sua sexualidade.

Em relação ao grupo **Violência de gênero na escola**, foram reunidos aspectos relacionados às questões sobre o significado de violência de gênero, as contribuições da escola na prevenção da violência de gênero, se há contribuição da

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



escola na produção da violência de gênero e como, nos dias atuais, as mulheres estão sendo vistas em relação ao trabalho e nas relações sociais.

Podemos salientar que houve muitos equívocos e o não atendimento ao solicitado, revelando, assim, o desconhecimento desse conceito por grande parte dos/as professores/as entrevistados, o que resulta, em certa medida, na produção e manutenção das separações sexistas que podem provocar a violência entre os gêneros.

Sobre as mulheres, apresentam uma ideia de individualidade, de particularidade e de direitos muito presente nos discursos dos/as professores/as, isso pode ser relacionado ao fato de o discurso neoliberal estar pautado no indivíduo, no trabalho para a ascensão dos sujeitos.

São pertinentes nas falas o que diz respeito à constatação do avanço e da ocupação das mulheres no espaço social. No entanto, esse crescimento não está presente em todos os lugares, as Delegacias da Mulher, por exemplo, recebem a todo o momento casos de violência.

Sobre a análise da entrevista realizada com a delegada responsável pela Delegacia da Mulher de Maringá – PR. Reunimos as respostas concentradas em dois grupos temáticos, conforme Bardin (1977), sendo: **Atendimento e Violência de gênero e sociedade.**

Na entrevista, o que se refere ao atendimento, que muitas “*ocorrências são no âmbito psicológico*” e os “*casos frequentes são criminais (previstos pelo Código Penal), patrimoniais, físicos e psicológicos*”. Relata também que “*a violência de gênero feminino tem ocorrências em todas as idades*” e “*aproximadamente 12 registros por dia e 1.000 em andamento*”.

Nesse contexto, a violência contra mulher tem relação com a violência ocorrida no espaço doméstico e/ou familiar que por muitas elas “são partícipes dessas relações” utilizadas por alguns/mas autores/as (GREGORI, 1992; GROSSI, 1994, 1998; SOARES, 1999, *apud* CAMPOS, 2001, p.304).

Realização:



Apoio:



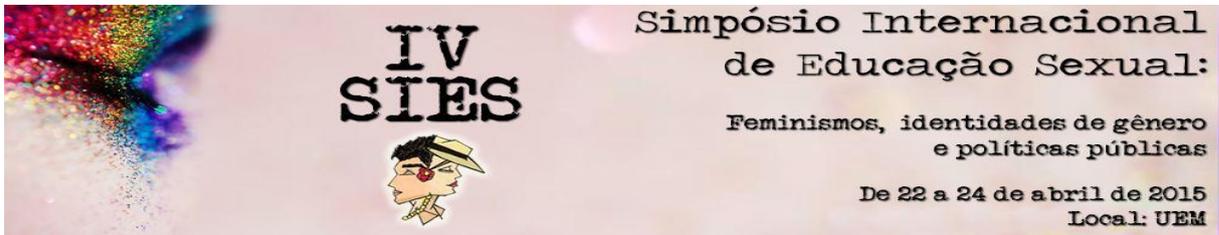
DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



[...] a violência de gênero desencadeia nas vítimas fatores emocionais como medo, constrangimento, abalos psíquicos e desestrutura a personalidade devido à opressão constante em que convivem, contribuindo para o sentimento de culpa, debilidade emocional, isolamento e inferioridade (PRIORI, 2007, p.41).

No encaminhamento dos casos ocorre de modo que *“são solicitadas medidas protetivas ao Juiz para a vítima, instaura um inquérito judicial e também são ouvidas as testemunhas para fechamento do caso”*.

A violência praticada contra as mulheres ocorria, muitas vezes, pela “[...] conciliação do conflito com a conseqüente renúncia do direito da vítima de representar e de ver seguir o processo até uma solução efetiva” (CAMPOS, 2001, p.303).

Apresentar a resposta da delegada em relação a Violência Contra as Mulheres em relação aos aspectos sociais e culturais é importante, pois os casos que chegam *“geralmente os casos estão relacionados a aspectos culturais, drogas, álcool, entre outros”*.

A delegada afirma que *“a procura à Delegacia é maior pela classe baixa, mas acredito que exista em todas as classes sociais”*.

Quando se trata que a violência entre os gêneros ocorre devido a aspectos culturais, podemos fazer referência à ideia da construção e modelação social que determinam ser masculino e feminino. Assim nas relações de gênero há *“desigualdades advindas do processo de construção das identidade”* (PRIORI, 2007, p.26).

No que se refere à escola, a visão da delegada sobre a contribuição da educação na prevenção da violência de gênero é *“que se inclua até em algumas matérias a questão do gênero. Que trabalhe a ideia de que não se deve inferiorizar a mulher e que o homem não é detentor do poder sobre ela. Para que não reflita a violência de gênero na sociedade futura”*.

Essa fala da delegada comprova nosso caminho metodológico de estudos, em que buscamos compreender no campo educativo as percepções das relações de gênero dos/as professores/as, para verificar se por meio das práticas pedagógicas e

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



as interações cotidianas entre os/as alunos/as reproduzem, mantêm e naturalizam as modelações dos gêneros que culminam na produção de sujeitos com práticas violentas entre o masculino e feminino, que irão viver na sociedade, esta sociedade que produz, reproduz e mantém relações violentas em torno dos gêneros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo nos proporcionou, a partir dos objetivos propostos, no qual buscou investigar as percepções dos/as professores/as sobre as relações de gênero no espaço educativo e o cenário da violência de gênero contra as mulheres no espaço social, que chegam à Delegacia da Mulher, consideramos que conseguimos visualizar uma amostra de como acontecem as relações de gênero no espaço educativo, confirmando assim nossa hipótese de que a sociedade em geral influencia a escola por meio dos mecanismos de poder vinculados a paradigmas construídos em torno dos gêneros.

Além disso, podemos verificar nas contribuições da entrevista na Delegacia que a violência de gênero se estende a vida adulta nos aspectos desiguais do masculino para com o feminino, que são reproduzidas nas escolas e repercute na sociedade.

Dessa forma, compreendemos que o olhar binarista desigual na sociedade é refletido e reproduzido nos espaços educativos, nos conteúdos e nas práticas pedagógicas de professores/as entre seus/as alunos/as, que ao distinguir e diferenciar meninos e meninas acabam por produzir as diferenças de gênero, que repercutirão em suas trajetórias, promovendo violências praticadas, principalmente, contra as mulheres, por esta figura representar historicamente um ser frágil e inferior aos homens.

Apoiadas na tese de que a escola pode contribuir para a não reprodução o modelo sexista existente, conforme Moreno (1999) apresenta, defendemos o trabalho dos/as profissionais da escola juntamente com os alunos e as alunas, analisando os papéis que a sociedade atribui para cada gênero, por meio de pesquisas na literatura, na história, na mídia, buscando descobrir o que há de

Realização:



Apoio:



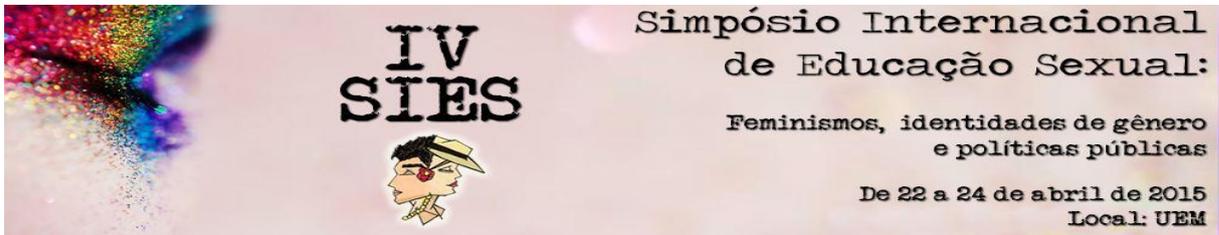
DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



positivo e negativo para cada um/a, mas, sobretudo, as limitações e os estereótipos impostos pela sociedade para o seu gênero, proporcionando assim o conhecimento dos esquemas de conduta que foram e são atribuídos para cada gênero, os quais não têm relação com as capacidades inatas e sim com as reproduções de modelos já existentes.

REFERÊNCIAS

AUAD, D. **Educar meninas e meninos: relações de gênero na escola**. São Paulo: Contexto, 2006.

BEAUVOIR, S. de. **O segundo sexo: a experiência vivida**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.

BONNICI, T. **Teoria e crítica literária feminista: conceitos e tendências**. Maringá: Eduem, 2007.

CAMPOS, H. de C. Violência doméstica no espaço da lei. *In: Tempos e Lugares de Gênero*. São Paulo: FCC, 2001.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. 11ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

_____. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

JUSTAMAND, M. O feminino rupestre em São Raimundo Nonato (Piauí): muito antes de 1500. **Revista EDUCAmazônia - Educação Sociedade e Meio Ambiente**, LAPESAM/GISREA/UFAM/CNPq/EDUA, Humaitá – Amazonas: Ano 5, vol VIII, 2012-1, jan-jun, p. 121-135.

LESSA, P. **Lesbianas em movimento: a criação de subjetividade, Brasil (1979 – 2006)**. 2007. 248f. Tese (Doutorado em História) – UNB, Brasília.

MAIO, E. R. **O Nome da Coisa**. Maringá/PR: Unicorpore, 2011.

MEYER, D. E. Das (im)possibilidades de se ver como anjo. *In: GOMES, Nilma Lino; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves. Experiências étnico-culturais para a formação de professores*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002, p.25-37.

MEYER, D. E.; SOARES, R. de F. R. **Corpo, gênero e sexualidade**. Porto Alegre: Mediação, 2004.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





MEYER, D. E. Gênero e educação: teoria e política. *In*: LOURO, G. L.; NECKEL, J. F.; GOELLNER, S. **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2008, p. 09-27.

MÜLLER, Verônica R. **História de crianças e infâncias: registros, narrativas e vida privada**. Petrópolis/RJ: Vozes: 2007.

PRIORI, C. **Retratos da violência de gênero: denúncias na Delegacia da Mulher de Maringá (1987 – 1996)**. Maringá – PR: Eduem, 2007.

SAFFIOTI, H. I. B. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

SCOTT, J. **Gênero: uma categoria útil para análise histórica**. Texto original: Joan-Gender: a useful category of historical analyses. Gender and the politics of history. Nota das tradutoras: A divulgação desta produção foi devidamente autorizada pela autora. New York, Columbia University Press. 1989.

SFORNI, M. S. DE F. Escola Pública e Feminização Docente - faces do mesmo projeto. **Anais do IV Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas “História, Sociedade e Educação no Brasil”**. Campinas: FE/UNICAMP, 1997.

ABSTRACT

The article discusses about gender relations, centered in order to investigate the existence of violence against women and its impact on social spaces. We investigate the perceptions that lie between teachers / as on gender relations, in particular women and how they are formed and dissipated these concepts in school walls, and, knowing the scenario of gender violence against women who come to the Police Station Woman Maringa - PR. Apply as field research instrument structured and specific questions to / teachers to / from the 5 years, two public elementary schools and delegated the Women's Police Station, both of Maringá-PR, totaling 13 people. After analyzing the data collected, it was found that there are still remnants in the speeches of a sexist education standards, modeling of bodies and naturalization of social behavior, which reproduce and implicitly encourage violence between genders.

Keywords: Gender Relations; Gender Violence against Women; school; Precinct.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook